

# MICHEL FOUCAULT E A ANTI-PSIQUIATRIA

## MICHEL FOUCAULT AND THE ANTI-PSYCHIATRY

Guilherme Castelo Branco

Laboratório de Filosofia

Contemporânea da UFRJ

Pesquisador do CNPq e da FAPERJ

Doutor em Filosofia pela UFRJ

[guilherme.branco@pq.cnpq.br](mailto:guilherme.branco@pq.cnpq.br)

### RESUMO

O artigo apresenta algumas considerações de Foucault a propósito da recepção de suas teses presentes no *História da Loucura*, em especial quando se trata da aproximação de suas ideias com as de Laing, Cooper e Basaglia. O intento é mostrar como o questionamento de aspectos considerados periféricos para a análise política, como o enclausuramento e a prisão, tem enorme significado nas análises de Foucault, uma vez que eles são chaves para a revelação de estruturas opressivas presentes nas sociedades modernas. O trabalho destina-se, sobretudo, à reflexão dos interessados na questão psiquiátrica, nas possibilidades de modificação da maneira de se perceber o lugar da loucura, e na ampliação do alcance das lutas de resistências ao poder na modernidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Foucault, M., anti-psiquiatria, resistências ao poder, liberdade, palavra.

Michel Foucault (1926-1984), quando passou a ser filósofo mais conhecido, em meados dos anos sessenta do século XX, já tinha publicado parte de sua tese de doutorado no livro *História da Loucura na Idade Clássica*, com abertura para diversas formas de interpretação e análises sobre as diferentes percepções e atitudes a respeito daqueles que são tidos, em diferentes momentos da história ocidental, como loucos. As reações ao texto de Foucault foram e são as mais diversas, da negação pura e simples de suas hipóteses até o uso político do livro, que também é considerado um texto no qual se fundamentariam, no plano teórico-histórico, inúmeras teses e ideias tanto da anti-psiquiatria quanto do movimento anti-manicomial.

O presente trabalho, entretanto, pretende apresentar as ideias do filósofo francês a propósito da questão da loucura e da internação primeiro nos anos setenta (1970-1977) e depois em sua maturidade intelectual, entre 1978 a 1984, quando seu pensamento tem um contorno sobretudo político. Para fazer tal projeto, enfatizaram-se os textos e entrevistas que compõem os volumes dos *Dits et écrits*, publicados em 1994, nos quais estão apresentados, em ordem cronológica, 364 artigos e textos diversos.<sup>1</sup> É um fato inconteste que Foucault sempre considerou o enclausuramento e a internação desde o *História da Loucura* como sendo fenômenos de amplo alcance social e político, que devem estar no cerne das análises sobre as técnicas de poder e de controle social iniciados no final do séc. XVIII. Este interesse de Foucault, que perdurou por toda sua vida, o levou a estudar e citar pensadores ou ativistas como Goffmann, Laing, Cooper, Basaglia<sup>2</sup>, Marcuse, dentre outros, nos seus inúmeros trabalhos sobre o desenvolvimento das tecnologias do poder no mundo ocidental nos últimos dois séculos, devido aos avanços que todos eles trouxeram para a análise e crítica das instituições que levam ao afastamento e à discriminação de determinados grupos pelo restante da sociedade, em especial os usuários dos hospitais psiquiátricos.

---

<sup>1</sup> Ainda assim, muitos textos de Foucault não foram publicados e permanecem desconhecidos do grande público. É importante alertar que a edição brasileira não obedece ao mesmo padrão de organização editorial da edição francesa, o que torna a qualidade do projeto editorial nacional apenas sofrível.

<sup>2</sup> Franco Basaglia(1924-1980) é um caso à parte pois foi um psiquiatra e militante que inspirou, no mundo, os movimentos pela reforma psiquiátrica. A lei que aboliu os hospitais psiquiátricos na Itália foi inspirada em suas ideias. O serviço hospitalar de Trieste, dirigido por ele, tornou-se uma referência mundial para a mudança da assistência à saúde mental. Basaglia não pode ser considerado, como Laing e Cooper, um anti-psiquiatra.

A partir dos anos 1970 Foucault procurava encontrar um instrumento eficaz para realizar análises das diversas técnicas de poder que foram exercidas no mundo ocidental e que pudessem explicar os intrincados nexos entre os saberes e os poderes. Para resolver tal problemática o filósofo forjou uma série de conceitos que levaram a um modo novo e arrojado de descrever os exercícios do poder, conhecido pelo nome 'analítica do poder'. Foucault apresentou, no *Historia da Sexualidade I. A vontade de saber*, uma lista de características do poder bastante inovadoras e que satisfazem a suas exigências intelectuais, de caráter acima de tudo metodológicas: a) o poder se exerce em inumeráveis lugares ou pontos, em relações móveis e desiguais, dentro da complexa e densa teia social; b) as relações de poder, porque se distribuem nos mais diversos pontos de poder, têm um “[...] papel diretamente produtor” (FOUCAULT, 1976, p. 124), atribuindo lugares desiguais e focos assimétricos nas relações de poder; c) o poder vem de baixo e dele irradia-se, reproduzindo suas diferentes faces e todas as suas contradições, de tal maneira que as grandes estruturas de dominação são efeitos de largo espectro dos pequenos e, nem por isto, menos importantes lugares de poder; d) todo poder é intencional, fazendo-se a partir de séries de objetivos e estratégias em confronto, no qual a subjetividade, a condição pessoal, as castas ou as classes dominantes são apenas um aspecto de grandes estratégias anônimas que constituem os lances de dados políticos; e) por este motivo, “[...] onde há poder há resistência [...]” (FOUCAULT, 1976, p. 125), o que significa dizer que não existe nenhum lance de poder feito do lado de fora do poder. Poder, enfim, é relação de poder, e em todos os pontos de exercício do poder, afirmações do poder e resistências ao poder coexistem e se confrontam. Os aparelhos de Estado consistem em múltiplos lugares institucionalizados do poder, e a revolução, por sua vez, consiste num outro lado integrado das relações de poder, ou seja, constitui-se do amplo e difuso campo das resistências ao poder. O campo de análise dos mecanismos do poder, portanto, enxerga, sempre, as relações e também os confrontos de poder.

A fase da analítica do poder tem muitos relatos de práticas divisórias e procedimentos estratégicos postos em jogo pelos poderes hegemônicos para executar estruturas de dominação. Muitas práticas de dominação descritas por Foucault visam ao controle das subjetividades. Foucault, em artigo publicado originalmente no Brasil, no *Jornal do Brasil*, em fins de 1974, com o título *Loucura*,

*uma questão de poder*, fala da produção da subjetividade pelo poder, de uma maneira singular:

o que me parece característico da forma de controle atual é o fato de que ele se exerce sobre cada indivíduo: é um controle que nos fabrica, nos impondo uma individualidade, uma identidade. Cada um de nós tem uma biografia, um passado sempre documentado em algum lugar, desde um relatório escolar a uma carteira de identidade ou um passaporte. Existe sempre um organismo administrativo capaz de dizer a qualquer momento quem cada um de nós é, e o Estado pode percorrer, quando quer, todo o nosso passado (FOUCAULT, 1994, p. 662/663).

Ainda no mesmo texto, Foucault levanta uma hipótese tão categórica quanto radical:

creio que, hoje, a individualidade está totalmente controlada pelo poder e que nós somos, no fundo, individualizados pelo próprio poder. Dizendo de outra maneira, eu não penso, de forma alguma, que a individualização se oponha ao poder, mas, pelo contrário, eu diria que nossa individualidade, que a identidade obrigatória de cada um de nós é efeito e instrumento do poder (FOUCAULT, 1994, p. 663).

Observe-se que Foucault, neste artigo, antecipa sua hipótese de que o poder cria subjetividades dobradas sobre si, obrigadas ou incitadas a entrar num jogo de verdade pelo qual os sujeitos se reconhecem como sendo eles mesmos, pelo qual resulta a identidade obrigatória de cada um. O que vem a ser, em outras palavras, o processo pelo qual acaba por se constituir uma subjetividade assujeitada.

Sob este aspecto o cuidado com a individualidade é entendido como resultado de uma estratégia política que ocorre no processo do desenvolvimento econômico ocorrido a partir dos fins do século XVIII, e que revelou o interesse do Estado e de diversas instituições e saberes a eles ligados em controlar a vida e a identidade das pessoas e das populações. Neste momento exato de suas investigações em 1974 a hipótese que Michel Foucault sustenta é peculiar. O campo de exercício geral do poder na passagem do século XVIII para o século XIX estaria passando por uma modificação, deixando de ter por foco o econômico e passaria a ter por alvo o controle biopolítico da população:

hoje, o mundo está em vias de evoluir para um modelo hospitalar, e o governo passa a ter uma função terapêutica. A função dos dirigentes é o de adaptar os indivíduos ao processo de desenvolvimento [econômico], segundo uma verdadeira ortopedia social (FOUCAULT, 1994, p. 433)<sup>3</sup>.

Além disso, Foucault faz uma notável afirmação, no pequeno artigo, que dá origem ao seu título, *O mundo é um grande hospício*:

o mundo é um grande hospício onde os governantes são os psicólogos e o povo os pacientes. A cada dia que passa, o papel desempenhado pelos criminologistas, pelos psiquiatras e todos os que estudam o comportamento mental do homem torna-se cada vez maior. Eis a razão pela qual o poder político está em vias de adquirir uma nova função, que é terapêutica (FOUCAULT, 1994, p. 434)<sup>4</sup>.

Temos aqui, em germe, algumas indicações sobre a problemática trazida pelo conceito de biopolítica, que tanto inquietará o filósofo francês anos mais tarde.

No período que se inicia em 1978 e que vai até 1984 Foucault faz uma virada no seu pensamento político, e passa a descrever o mundo social e político na modernidade enquanto constituído de forças advindas dos corpos e do confronto entre corpos e forças. As relações de poder decorrem de um mundo de forças em afrontamento, em contraste permanente e pode ser entendido como decorrentes do combate entre campos de forças com intensidades diferentes. E por este motivo, Foucault afirma:

uma sociedade sem 'relações de poder' nada mais é do que uma abstração. [...] Pois dizer que não pode existir sociedade sem relações de poder não significa dizer que elas [as relações de poder] são necessárias, nem significa dizer que toda modalidade de poder, no seio da sociedade, constitui uma fatalidade insuperável; significa, todavia, que a análise, a elaboração, o questionamento das relações de poder, a 'agonística' entre as relações de

---

<sup>3</sup> A título de curiosidade, esta passagem foi publicada num veículo de comunicação nada foucaultiano, a revista Manchete.

<sup>4</sup> Muitos ficam com a impressão equivocada de que as técnicas de controle seriam privilégios de saberes e práticas como as dos profissionais de saúde e do sistema judiciário. Parte da engrenagem de controle, saberes como as ciências médicas e jurídicas são importantes, mas não são únicas e determinantes. São muitos os saberes e práticas que contribuem para o conhecimento e controle dos indivíduos e das populações. Até mesmo as Ciências Humanas, tidas por muitos como saberes contestadores das estruturas de poder, estão listadas, segundo Foucault, no grupo dos que contribuem para o crescente controle da vida das pessoas.

poder e a intransigência da liberdade são uma tarefa política incessante; que ela é, propriamente, a tarefa política inerente a toda existência social” (FOUCAULT, 1994, p. 239).

Na fase ética-política (1978-84) do pensamento de Foucault, toda experiência social, seja de exercício da liberdade, seja de dominação nas relações de poder, ocorre tão somente em ato. O poder e as resistências ao poder, dizendo de outra maneira, são faces diversas da moeda, em contraste permanente. Pode até mesmo ocorrer equilíbrio provisório de forças, mas nunca uma forma de paz durável vinda da ausência de lutadores na arena da agonística. De tal modo que é possível supor que a ‘dominação’ nas relações de poder não é o modo principal de relacionamento político em certas situações sociais nas quais as estratégias e as táticas de resistência aos poderes dominantes têm êxito em transformar estruturas de poder aparentemente permanentes e consolidadas. Para Foucault, inexitem situações políticas e quadros políticos permanentes, pouco importa aonde no planeta, qualquer que seja a época. Tal princípio vale para toda convivência humana, pois, segundo Foucault,

aquilo ao qual estou atento é o fato de que toda relação humana é num certo sentido, uma relação de poder. Nós nos movimentamos num mundo de relações estratégicas perpétuas. Nenhuma relação de poder é má nela mesma, mas é um fato que comporta perigos, sempre (FOUCAULT, 1994, p. 234).

Os dois polos, poder hegemônico e liberdade, no seu embate agonístico, geram contextos éticos e políticos sempre provisórios. É até mesmo possível que certas relações de dominação possam perdurar - séculos ou milênios, em certas partes do planeta: todavia, isto não quer dizer que suas relações de poder não tenham passado por transformações inevitáveis, resultado dos constantes enfrentamentos das resistências ao poder, nem quer dizer que certas estruturas de poder aparentemente inabaláveis não venham um dia cair por terra.

Contraopondo-se às técnicas, conhecimentos e procedimentos de controle das subjetividades, Foucault entende que as lutas de resistência em torno do estatuto da individuação podem ser assim sintetizadas: “sem dúvida, o objetivo principal, hoje, não é o de descobrirmos, mas o de nos recusarmos a ser o que somos” (FOUCAULT, 1994, p. 232). A questão, assim, é inventar novos modos de

subjetividade, novos estilos de vida, novos vínculos e laços comunitários, que se contraponham aos sistemas hegemônicos de poder. Como criar novas formas de subjetividade e novas experimentações políticas contrapondo-se às forças que agem no sentido de determinar os sujeitos e assujeitá-los? Enfim, o 'último Foucault' tem uma forte proposta libertária, e tem por objetivo apoiar todas as formas de luta de resistência ao poder.

No entender de Foucault, na luta pela liberdade, pensadores, artistas, livros e obras, todos eles, podem e devem tomar parte nas lutas de libertação e modificar as relações de poder existentes. Até mesmo a sua obra e seus livros são entendidos sob este prisma da libertação e da transformação:

eu sou consciente de que estou sempre me deslocando em relação às coisas pelas quais me interesse e em relação ao que eu já pensei. Eu nunca penso a mesma coisa pela razão de que meus livros são, para mim, experiências [...] Uma experiência é uma coisa da qual se sai transformado. Se eu tivesse que escrever um livro para comunicar o que penso antes de começar a escrever, não ousaria fazer tal tarefa. Eu só escrevo pelo motivo de que não sei o que pensar, exatamente, sobre esta coisa a qual gostaria tanto de pensar. De modo que meu livro me transforma e transforma o que penso (FOUCAULT, 1994, p. 41).

Ademais, o engajamento pessoal, a vida mesma do pensador está no cerne da participação política, de maneira incontornável:

procurei fazer coisas que implicam num engajamento pessoal, físico e real, e que traziam problemas em termos concretos, precisos, definidos no interior de uma situação determinada [...] Somente a partir deste ponto podemos propor análises que sejam necessárias. Eu procurei realizar, trabalhando no GIP<sup>5</sup>, a respeito do problema dos presos, uma experiência crucial (FOUCAULT, 1994, p.80).

Entretanto, toda experimentação leva sempre à constatação de limites, na qual a alteridade reconduz a outra identidade a ser superada e ultrapassada. Toda experimentação leva a outra identidade e a um novo começo, sendo a demonstração cabal do processo criativo na teoria e na prática. Neste sentido, o

---

<sup>5</sup> 'Grupo de Estudos sobre as Prisões', que mobilizou particularmente o pensador, por possibilitar que os envolvidos diretamente no problema se pronunciassem e fizessem suas reivindicações sem a mediação de porta-vozes.

experimentador é ultrapassado pela obra: “a obra é bem mais que a obra: o sujeito que escreve é parte da obra” (FOUCAULT, 1994, p. 641). Vida e obra estão sempre entrelaçadas, e as articulações entre autor, obra, existência e transformação, na verdade, são norteadores de uma verdadeira ética do intelectual e de seu objetivo maior: “trabalhar, lenta e arduamente para modificar seu pensamento e o dos outros, e suas respectivas formas de vida, a partir de uma elaboração de si para si, através do cuidado constante com a verdade” (FOUCAULT, 1994, p. 675).

Em uma entrevista que o filósofo concedeu em 1978<sup>6</sup>, o filósofo faz uma avaliação de seu livro *História da Loucura na Idade Clássica*, e do quanto o auxiliou na modificação efetiva do pensamento, tanto dele mesmo, quanto das pessoas em geral, com efeitos na vida prática de todas as pessoas:

[...]. este livro nunca deixou de funcionar no espírito de público como sendo um ataque dirigido à psiquiatria contemporânea. Por quê? Porque o livro constitui para mim e para os que o leram ou o utilizaram - uma transformação da relação (histórica, técnica, moral e também ética) que temos com a loucura, com os loucos, com a instituição psiquiátrica, e com a própria verdade do discurso psiquiátrico (FOUCAULT, 1994, p. 45).

Por outro lado, ele reconhece que o alcance da obra e as ideias que ele apresenta no texto não são, estrito senso, uma crítica à psiquiatria e à internação psiquiátrica; suas análises, sobretudo, incidem sobre como diferentes percepções sobre o estatuto da loucura foram construídas dos séculos XVI a XIX, quando finalmente, passou a serem objeto e domínio do saber psiquiátrico. Foucault lembra que num primeiro momento o livro foi recebido com certa simpatia pelos psiquiatras, para depois a situação mudar completamente: “a seguir, muito rapidamente, o grau de hostilidade dos psiquiatras chegou a tal ponto que o livro foi julgado como um ataque dirigido contra a psiquiatria na atualidade e como um manifesto da anti-psiquiatria” (FOUCAULT, 1994, pág. 45).

Foucault alerta para o equívoco de muitos tomarem o livro *História da Loucura* como um texto de anti-psiquiatria e dá duas razões para mostrar por que se tratou de um equívoco. A primeira é a de que o livro, originalmente sua tese de doutoramento, foi escrito em 1958, quando a anti-psiquiatria, ao menos formalmente,

---

<sup>6</sup> Trata-se do *Entretien avec Michel Foucault*, que é o texto 281 dos *Dits et écrits*, vol. IV.

ainda não existia.<sup>7</sup> A segunda consiste numa constatação real: “[...] de todo modo, não se tratava [no livro], de um ataque dirigido contra a psiquiatria, pelo excelente motivo de que o livro para nos fatos que se situam exatamente no início do século XIX[...]” (FOUCAULT, 1994, pág. 45). Na verdade, o livro *História da Loucura* acaba com uma rápida apresentação do nascimento do asilo, nascido da articulação da ordem jurídica com a ordem médica, período no qual se inicia toda uma atenção com a linguagem da loucura. Deste modo, Foucault tem consciência da distância entre seu trabalho e o trabalho daqueles que são conhecidos, estrito senso, devido à sua militância, como anti-psiquiatras. Mas esta percepção não significa que ele rejeite a importância do movimento anti-psiquiátrico; antes disto, o filósofo deixa claro sua admiração pelo movimento e por seus teóricos mais conhecidos. Na entrevista, Foucault vai elogiar os teóricos e militantes que realizaram uma verdadeira virada nas relações de poder existentes nos hospitais psiquiátricos: “[...] Laing desenvolveu um trabalho colossal, ligado à sua função de médico: ele foi, juntamente com Cooper, o verdadeiro fundador da Anti-Psiquiatria. Eu fiz apenas uma análise histórica-crítica” (FOUCAULT, 1984, p. 58).

Por meio do trabalho dos articuladores da anti-psiquiatria, sua teoria e sua ação convertem-se em ferramentas de transformação do pensamento e da prática das instituições asilares, ajudando na transformação da vida cotidiana de todos os trabalhadores e internos das instituições psiquiátricas. Tais agentes teórico-práticos fizeram e ainda fazem uma efetiva contestação de concepções e práticas conservadoras, por que não podemos chamar de autoritárias e desenvolvidas sem nenhum questionamento crítico sobre seus fundamentos nem sobre as consequências de suas atividades. Assim, pensando no papel e importância das análises existenciais de Laing e Cooper, Foucault afirma: “[...] a análise existencial nos serviu para delimitar e discernir o que poderia haver de pesado e opressor no olhar e no saber psiquiátrico acadêmico” (FOUCAULT, 1994, p. 58). A anti-psiquiatria foi, para o filósofo francês, uma lufada de vento fresco no interior dos muros dos hospitais psiquiátricos.

São muitos os fatores que levam Foucault a conceder tanto valor ao movimento anti-psiquiátrico. Um importante aspecto indicado nos textos de Laing, e,

---

<sup>7</sup> Formalmente, o termo foi cunhado por Cooper em 1967.

sobretudo, nos textos de Cooper é a tese de que a esquizofrenia possa ser entendida como resultado de uma opção ou decisão estratégica de certas pessoas diante de um ambiente familiar opressor ou perante toda uma estrutura social adoecida na qual vivem. Foucault, como vimos acima, pensa as relações de poder como relações de afrontamento nas quais estratégias estão sendo postas em prática, constantemente, por todas as partes envolvidas. E, certamente, fica fascinado com a possibilidade de reversão da esquizofrenia, quando antes não havia nenhuma perspectiva de tratamento ou cura. O segundo aspecto importante, decorrente desta primeira tese, é o questionamento das teses exclusivamente biologistas e médicas sobre as origens das doenças mentais, o que leva à valorização de que existem também componentes sociais e culturais na constituição do processo da loucura como doença. Finalmente, o que talvez mais tenha impressionado Foucault, é o processo coletivista e experimental do tratamento, que possibilita que muitos membros da equipe de trabalho terapêutica possam tomar a palavra, quando antes eram meros coadjuvantes, como os assistentes sociais, os enfermeiros, os próprios pacientes, e as suas famílias. O que implica numa diminuição do poder dos psiquiatras (o que talvez explique a reação adversa tão forte que tais profissionais têm com a anti-psiquiatria), que até então eram o senhores absolutos dos tratamentos nas instituições, assim como das explicações sobre as origens biomédicas das doenças mentais.

Laing e Cooper são compreendidos, portanto, pela análise de Foucault, como intelectuais específicos: eles falam de suas experiências terapêuticas, na qualidade de psiquiatras, discutindo os ambientes altamente hierarquizados e restritivos das equipes médicas, e passam a lidar, criticamente, com os campos de problematização delimitados da loucura e da internação. Trabalhando com o risco assumido de estarem num campo particular e fragmentado do real, Laing e Cooper são médicos que questionaram as estruturas de saber-poder psiquiátrico que vigoravam nos anos 1960, e que abriram espaço para o debate sobre novas práticas de poder num ambiente petrificado e hierarquizado, no qual mudanças não aconteciam. Para levarem a cabo tal saber libertário, Laing e Cooper estabeleceram uma conversação aberta com o mundo direto e imediato que os cercavam e tentaram trazer novas luzes e alimentar novas práticas e experiências nos hospitais psiquiátricos, sobretudo a partir de suas propostas de se constituírem comunidades

terapêuticas, o que levou a experiências difíceis e inovadoras. Foucault estava ciente da força deste novo modo de questionar a realidade dos hospitais psiquiátricos:

[...] se se quer verdadeiramente criar algo de novo ou, em todo caso, se se quer que os grandes sistemas se abram, finalmente, para certo número de problemas reais, devem-se procurar os dados e as questões ali onde eles estão. Assim, eu não penso que o intelectual possa, apenas a partir de suas pesquisas livrescas, acadêmicas e eruditas, levantar verdadeiras questões a respeito da sociedade na qual vive. Pelo contrário, uma das primeiras formas de colaboração com os não-intelectuais está exatamente em escutar seus problemas, e de trabalhar com eles para formulá-los: o que dizem os loucos? o que é a vida num hospital psiquiátrico? qual é o trabalho de um enfermeiro? Como eles reagem? (FOUCAULT, 1994, p. 84).

Quem tem e deve ter a palavra, quem deve discutir e propor mudanças são as pessoas diretamente concernidas nas questões que as mobilizam, lá onde elas atuam. São as pessoas comuns, são os diversos profissionais que estão envolvidos numa rotina de trabalho e nas relações de poder que ocorrem onde elas atuam. Somente eles podem falar sobre seus problemas e sobre o que deve ser modificado. Ninguém pode falar no lugar dos outros, pois são os profissionais que sabem e conhecem o meio no qual estão e os fatos que ocorrem no seu cotidiano. A vida participativa decorre disto: é uma experiência que se faz no dia-a-dia, que é desafiadora e repleta de questões, de todas as ordens de grandeza, a serem resolvidas, todas elas resultado da participação de todos os que fazem uso da palavra e partem para novas ações. Como lembra Philippe Artières, do Centre Michel Foucault, num texto ainda inédito: “esta vinculação com a palavra das pessoas decorre, em Foucault, do mesmo questionamento que o levou a escrever a *História da Loucura*: ‘- o que é falar?’ O que afeta Foucault nas agitações de após maio de 68, é a tomada da palavra que se opera no movimento.” (ARTIÈRES, 2009)<sup>8</sup>. Depois de gerações de silêncio, eis que as pessoas começam a fazer uso da palavra, a falar de seus problemas, a fazer reivindicações, a diminuir as distâncias.

A anti-psiquiatria, portanto, representa para Foucault uma forma de experiência de grande valor nas instituições psiquiátricas, cujo maior mérito está em

---

<sup>8</sup>ARTIÈRES, Philippe – Une politique du mineur, 2009, inédito.

ser uma experimentação nova, que acarreta na constituição de novas problematizações e de novas subjetividades. A partir de uma experiência prático-teórica com participação coletiva, como foi o caso da anti-psiquiatria, ninguém sai como entrou. Afinal, para Foucault, é para isto que existe teoria: para criar um sujeito novo, renovado. Muitos dizem que as experiências com as comunidades terapêuticas redundaram num fracasso. Não é o que pensa o filósofo francês: no amplo movimento que foi articulado, o que entra em jogo não seria sua eficácia e sua verdade, mas o seu valor criativo e as novas formas de realização de verdades que ele suscitou. Ademais, a divulgação para a sociedade sobre o que se passava nos hospitais psiquiátricos fez do movimento um importante impulsionador de outros movimentos sociais e fator de transformação da maneira de pensar das pessoas sobre o fenômeno da loucura. O que representa, vale a pena lembrar, por si só uma grande contribuição.

Uma última observação, que diz respeito ao campo de análise da política em Foucault, que não subordina as suas análises a um pretense campo mais geral diante do qual suas análises sobre as tecnologias políticas poderiam ter alcance limitado e particular. Vejam a resposta de Foucault, em dois tempos:

É verdade que os problemas que eu levanto sempre dizem respeito a questões localizadas e particulares, como a loucura, as instituições psiquiátricas, ou, ainda, as prisões. Se nós queremos levantar questões de modo rigoroso, não devemos procurá-las exatamente nas suas formas mais singulares e mais concretas? [...] É indispensável localizar os problemas por razões teóricas e políticas. Mas isto não significa que eles não sejam problemas gerais. Afinal, o que existe de mais geral senão a maneira pela qual uma sociedade se define diante da loucura? O modo pelo qual ela se define como razoável? Como ela confere poder à razão e à sua própria razão? (FOUCAULT, 1994, pág. 84).

A questão, para Foucault, é tirar a loucura e as instituições psiquiátricas da periferia das questões sociais e políticas, de passar a situá-las no centro do questionamento político, para assim revelar muitas faces insuspeitadas do mundo em que vivemos. Foucault, conscientemente, partilha de uma comunidade de pensadores militantes, que não se conheceram nem trabalharam diretamente, mas ajudaram a esclarecer e a dar um novo sentido à análise do mundo atual, por meio

de uma sintonia intelectual e política que foi percebida pelas pessoas preocupadas com o presente:

Não estou seguro, por exemplo, de que no momento em que eu escrevi o *História da Loucura* existisse um 'nós' pré-existente e acolhedor, aos quais teria sido suficiente que eu me dirigisse a eles para que recebessem meu livro enquanto uma expressão espontânea. Entre Laing, Cooper, Basaglia e eu não havia nenhuma comunidade nem nenhuma relação. Mas o problema foi levantado pelos que nos leram, se impôs também para alguns dentre nós, o de saber se era possível constituir um "nós" a partir do trabalho que fizemos, e de tal natureza que se pudesse formar uma comunidade de ação (FOUCAULT, 1994, pág. 594).

## REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo. Forças e diversidade: as transformações na saúde e na loucura. In: Castelo Branco, G.; Baeta Neves, L. F. (Orgs.). **Da arqueologia do saber à estética da existência**. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1998.

CANDIOTTO, César. Subjetividade e verdade no último Foucault. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 31, n. 1, p.87-103, 2008.

CASTELO BRANCO, Guilherme. As resistências ao poder em Michel Foucault. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 237-248, 2001.

CASTELO BRANCO, Guilherme. O racismo no presente histórico: a análise de Michel Foucault. **Kalagatos, Revista de Filosofia do Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE**. Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 129-144, 2004.

CASTELO BRANCO, Guilherme. Racismo, individualismo, biopoder. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 29-38, 2009.

CASTELO BRANCO, Guilherme. Foucault. In: PECORARO, Rossano. (Org.). **Os Filósofos Clássicos da Filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Vozes, 2009. v. 3, p. 280- 303.

CASTELO BRANCO, G. Anti-individualismo, vida artista: uma análise não-fascista de Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (Org.). **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 143-151.

DUARTE, A. Foucault e as novas figuras da biopolítica: o fascismo contemporâneo. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (Org.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 35-50.

FOUCAULT, Michel. **Folie et Dérison. Histoire de la Folie à l'Âge Classique**. Paris: Plon 1961.

FOUCAULT, Michel. **Surveiller et Punir. Naissance de la Prison**. Paris: Gallimard, 1975.

FOUCAULT, Michel. **Histoire de la Sexualité I. La Volonté de Savoir**. Paris: Gallimard, 1976.

FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits**. 1954-1988. (DEFERT, D.; EWALD, F.; LAGRANGE, J.). (Orgs.). Paris: Gallimard, 1994. 4 v.

FOUCAULT, Michel. **L'herméneutique du sujet**. Paris: Ed. du Seuil, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Les anormaux**. Paris: Ed. du Seuil, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Le pouvoir psychiatrique**. Paris: Ed. du Seuil, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Naissance de la biopolitique**. Paris: Ed. du Seuil, 2004.

## **ABSTRACT**

The article brings forward some considerations of Foucault about the reception of *History of Madness's* ideas, especially those about the similarity with the ideas of Laing, Cooper and Basaglia. The intent is to show how the questioning of some aspects considered not very important to political analysis, like the cloistering and the prison, have taken an important place in Foucault's analysis, because they are vital for disclosing the oppressive structures that exist in modern society. The article is directed to readers interested in the anti-psychiatry movement, to challenge

traditional viewpoints about madness, and to potentiate resistance and the struggle against authority in modernity.

**KEYWORDS:** Foucault, M., anti-psychiatry, resistance's fights, freedom, word.